

> pais & mestres

Sugestão de aula: ensino fundamental

A leitura crítica da mídia

DIFERENTES MODOS DE "LER" A COMUNICAÇÃO

Existem modos distintos de se analisar um programa de TV, um jornal ou um site na internet. Propomos que os pais considerem três diferentes caminhos: as perspectivas moral, cultural e comunicativa

A perspectiva moral (ou moralista), na base de muitas campanhas contra a "baixaria da televisão", parte do princípio de que existem padrões culturais e morais que a mídia deve respeitar. No caso, instituições como a família, a escola, a religião, assim como as vinculadas ao Poder Judiciário teriam o dever de colaborar para fornecer parâmetros de análise. Pela vertente moral, caberia, assim, aos pais, professores e líderes religiosos a missão de guiar a sensibilidade e o juízo crítico do jovem observador e usuário da mídia. Nesse sentido, a perspectiva moral de análise da mídia costuma produzir um envolvimento emocional muito forte com o objeto em estudo, levando tanto à rejeição quanto à adesão entusiasmada, colocando, muitas vezes, as pessoas em campos opostos. Por isso, sua aplicação tem sido pouco eficaz

A perspectiva cultural (ou culturalista) leva em conta que a comunicação social merece ser analisada como qualquer fenômeno da contemporaneidade. A vertente culturalista adota diferentes procedimentos, de acordo com o produto analisado e o público que o estuda (crianças, adolescentes, adultos). O importante a observar é o sentido da obra, seu valor estético e a contribuição que oferece para o lazer e para a ampliação dos conhecimentos sobre o mundo que nos cerca. Caracteriza-se também por manter uma distância entre o ato de observar (ler) e o objeto observado (filme, jornal, rádio, tv, site na internet). Para tanto, contribuem as ciências humanas, como a sociologia, a psicologia, a semiótica, entre outras. É o que nos Estados Unidos é conhecido como *Media Literacy* (alfabetização midiática) e, no Brasil, Educação para a Comunicação. No início de 2007, o Ministério da Educação da França tornou obrigatória a inclusão nos currículos das escolas a educação para os meios, sob a perspectiva cultural. Hoje, quem pensa, no Brasil, em criar uma política nacional de educação para a mídia é o Ministério da Cultura.

A perspectiva comunicativa trouxe uma proposta nova para o campo das relações entre os produtos culturais e seus usuários ou consumidores. Parte do princípio de que todos somos produtores culturais, cabendo-nos buscar conhecimentos e oportunidades que nos permitam produzir

e divulgar nossas produções. Este é o sentido, por exemplo, do projeto Educom.rádio, levado às 455 escolas do ensino fundamental da Prefeitura de São Paulo: professores e alunos são convidados a, juntos, produzirem mídia (vídeos, jornais murais, programas de rádio, sites na internet). Em seguida, a produção necessita ser analisada a partir de alguns pressupostos como: a democracia das relações entre professores e alunos; o conteúdo e a forma empregada na produção; a contribuição do produto para o bem-estar da coletividade escolar, etc. Com isso, os agentes comunicadores (a comunidade professor/aluno) passam a criar parâmetros para julgar outros tipos de comunicação, desde a comunicação que se dá no espaço da família e da escola até a comunicação produzida pela denominada indústria cultural

As três vertentes são complementares, mas a educacional está mais próxima ao cotidiano das novas gerações. Na verdade, acaba por levar às outras duas como fontes de referências e de dados para a análise.

DICAS

Leitura da mídia tem centros de excelência
Os interessados em obter informações sobre a mídia brasileira encontram, na internet, algumas boas referências: Núcleo de Comunicação e Educação da USP (www.usp.br/nce) promove assessoria ao poder público, à mídia e aos sistemas de ensino no campo da formação de educadores. O Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes (<http://www.midiatiativa.tv/>) promove a análise da produção midiática. A Multirio - Empresa Municipal de Mídia, da Prefeitura do Rio de Janeiro (<http://www.multirio.rj.gov.br>) mantém o Rio Mídia - Centro Internacional de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes. A ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, com sede em Brasília (<http://www.andi.org.br/>) disponibiliza publicações sobre a relação mídia e infância/juventude. Visite também o site da Rede CEP: www.redecep.org.br.



PESQUISA - JT/NCE-USP
O Núcleo de Comunicação e Educação da USP quer ouvir a opinião do leitor do JT sobre as sugestões de aula propostas aos domingos. Se você já desenvolveu alguma das atividades sugeridas na coluna "pais e mestres" e tem interesse em relatar a sua experiência ou até mesmo quer sugerir novos temas, entre em contato por meio do site: <http://www.usp.br/nce/email>

MARIA REHDER
maria.rehder@grupopostado.com.br

Desde o primeiro semestre deste ano, o Brasil vive um tempo muito particular de tensão: de um lado, o Ministério da Justiça, que entende ser necessário criar um mecanismo inibidor da autonomia com que as emissoras de televisão vêm produzindo e veiculando seus programas e, de outro, a mídia, contestando o poder do Estado em interferir em seu direito de expressão, garantido pela Constituição Federal. As emissoras são acusadas de ignorar a necessidade das crianças e dos adolescentes de serem respeitados em seu direito a uma produção adequada a suas idades e condições psicológicas, fato negado pelos concessionários, sob a alegação de que o telespectador – mesmo criança ou adolescente – tem condições de ler, ouvir e ver o que lhe é mostrado pela mídia, sendo, portanto, livre de escolher e controlar a própria relação com a televisão. Enquanto o poder público e as emissoras de TV continuam essa batalha, as famílias e as escolas são convidadas a oferecer sua contribuição, promovendo a formação para uma adequada "leitura crítica" da mídia. É o que propõe esta aula do JT dirigida

da especialmente às Associações de Pais e Mestres (APMs). A proposta foi elaborada pelo professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP.

INTRODUÇÃO

1 No Brasil, nos anos 70 e 80, a denominada "leitura crítica da comunicação" preocupou mais a área da educação não formal, por meio da atuação de organizações não-governamentais. No fim dos anos 90, contudo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional transferiu ao sistema formal de ensino a tarefa de introduzir, nos currículos, conteúdos relacionados com as distintas linguagens presentes no cotidiano da sociedade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental) e as Normas para o Ensino Médio, os conteúdos curriculares devem contemplar as várias linguagens presentes na sociedade e suas respectivas tecnologias, o que inclui, naturalmente, o tema da recepção organizada dos conteúdos midiáticos.

No entanto, apesar da prescrição legal, a "leitura da mídia" continua sendo um objeto nebulosamente

afastado das preocupações imediatas dos gestores da educação e dos próprios educadores. Na verdade, para boa parte dos educadores, "ler" e "escrever" são habilidades vinculadas ao texto escrito, não sendo prioritário a uma escola séria introduzir o audiovisual como objeto de estudo e de prática educativa. Faz quem quer, sem que exista, a título de orientação, uma política pública voltada para a linguagem audiovisual. Sendo assim, uma porcentagem ínfima dos 50 milhões de crianças, adolescentes e jovens que frequentam as escolas brasileiras tem acesso a informações que as ajude a relacionar-se adequadamente com o conjunto do sistema de meios de informação.

OBJETIVOS

2 A propaganda das emissoras de TV costuma afirmar que "ninguém melhor que os pais para controlar o uso dos meios por parte de seus filhos". O objetivo da aula de hoje é justamente o de colocar em discussão este pensamento. Para tanto, o JT e o NCE/USP convidam as escolas e as Associações de Pais e Mestres para um programa de debates sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO

2 **1º momento:** as vertentes da análise. Nesta primeira reunião, os pais tomam conhecimento dos debates em torno da programação da televisão brasileira. Em seguida, são convidados a identificar as vertentes de análise da mídia: a vertente moral, a cultural e a comunicativa. Sugerimos, portanto, a leitura do texto introdutório na parte superior desta página.
2º momento: a prática da análise. Após identificação de cada corrente, sugere-se que os participantes da reunião discutam o tema e encontrem exemplos de programas que mereceriam uma análise por meio de uma das correntes descritas. A título de exemplo, a novela de maior audiência poderia ser tomada para discussão por meio do estudo de um capítulo. No caso, ou as pessoas fazem um esforço coletivo para se lembrar do episódio em estudo ou, melhor ainda, o capítulo é exibido, contando com a colaboração de um dos integrantes do grupo que tomou a providência de gravá-lo (sem os comerciais) na noite anterior à reunião. Após a exibição, são formados três grupos, um para analisar a novela sob a perspectiva

moral (que valores estão em jogo?), o segundo para centrar-se na perspectiva cultural (quais os elementos culturais presentes?) e o terceiro para a aplicação da perspectiva comunicativa (que contribuição a novela traz para o entendimento do tema a que se propõe?).
3º momento: a produção midiática. O grupo convida o diretor da escola (ou um professor mais diretamente envolvido com o tema) para que – acompanhado por um grupo de alunos – explique como a escola se preocupa com o universo representado pelos meios de informação e pelos processos de comunicação. De acordo com as possibilidades, o grupo poderia realizar uma produção radiofônica, traduzindo, por meio de entrevistas, seus pontos de vista sobre a leitura da mídia que acabaram de realizar. Ou, ainda, criar um jornal mural que fique exposto para que mais pessoas toquem conhecimento do tema em questão.

Papel da APMs: encontrar uma assessoria para o debate. Para que a associação promova este debate, torna-se necessária a presença de uma liderança com alguns conhecimentos prévios sobre o tema. No ca-

so, comunicadores sociais (jornalistas, radialistas, publicitários) ou mesmo professores ou coordenadores pedagógicos podem oferecer uma contribuição. Em São Paulo, as APMs podem encontrar tais lideranças entre os professores que fizeram o curso Educom.rádio, oferecido pelo NCE/USP às escolas municipais.

BIBLIOGRAFIA

3 *Revista Comunicação & Educação*, ECA/USP e Edições Paulinas (três edições a ano); BACCEGA, Maria Aparecida. *Televisão e Escola: Aproximações e Distanciamentos*. São Paulo: SENAC, 2006; NAPOLITANO, Marcos. *Como Usar a Televisão na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2002; PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*. Campinas: Papirus, 2002; PENTEADO, Heloisa Dupas. *Televisão e Escola: Conflito ou Cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991; *Revista Educação. Mídia vai a escola*, setembro 2007.
Consultoria educacional: Izabel Leão, Ana Paula Ignácio, Carmen Gattás, Luci Ferraz.

> pó de giz

Leitura dramática de peça na Paulista

• A Cia. Mestre Mundo de Histórias apresenta no dia 10, às 19h, dentro dos eventos do Corredor Literário na Paulista, a leitura dramática da peça *Do Claustro*, de Ruy Jobim Neto, com Débora Aoni e Carolina Mesquita no elenco. A peça fala sobre a condição feminina na história do Brasil no final do século 17, o mesmo em que viveu o poeta baiano Gregório de Matos. Local: teatro do Colégio Rodrigues Alves (Av. Paulista, 227).

Anote



Arte egípcia na Estação Ciência

• A Estação Ciência da USP, que fica na Lapa, vai realizar no dia 20, a partir das 15h, a exposição "Arte no Egito Faraônico em 3D", uma mostra gratuita em terceira dimensão. A coordenação

das apresentações e a preparação das imagens serão de Ciro Silva, da USP, e o comentarista para o tema será Antonio Brancaçioni Jr., especialista em egiptologia. (www.esciencia.usp.br)

Financiamento estudantil

• Os bolsistas parciais do ProUni que desejam receber o Financiamento Estudantil (Fies) podem efetuar inscrição até o dia 16 de outubro. Poderá ser financiada 25% do valor total da mensalidade do bolsista. Assim, enquanto estiver estudando, o aluno arcará com os custos de apenas 25% do valor total da mensalidade. Depois de formado, ele iniciará o pagamento da parcela financiada. www.mec.gov.br



“A leitura da mídia continua sendo um objeto nebulosamente afastado das preocupações imediatas dos gestores da educação”, ISMAR DE OLIVEIRA SOARES, NCE-USP

Programa de aprendiz: inscrições

• O Programa Aprendiz Comgás abre inscrições para nova turma até o dia 22 de outubro. A proposta é contribuir na formação de jovens de 14 a 17 anos, estudantes do ensino médio e técnico, interessados em desenvolver projetos sociais em suas comunidades. Para participar, os estudantes devem formar grupos de no máximo seis componentes e apresentar uma proposta de ação em São Paulo. (11-3209-0679).